

QUARTA-FEIRA
Lisboa--1 de Abril de 1931

5 tostões

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

234



sempre
fixe semanario
humorístico

Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

UM "CEU ABERTO" A' PORTA FECHADA



— Cá está tela, côro ou cadeira! Quem compra ou vende algum bilhete!



Os ditos da semana

Luz na cabeça A policia de Paris vai uzar, na cabeça, uma lampada electrica, que mudará de cor conforme os sinais a fazer. Esta lampada será regulada por um manipulo assente na barriga.

Coisas do Progresso. Exigencias da vida febril, creada pela civilisação, que até já põe a arder o juizo dos policias.

Antigamente o unico bicho que se parecia com o pirilampo era o guarda-nocturno, com a sua luz na barriga: agora a policia, com os miolos iluminados vai fazer-lhe concorrência que bem preciso era. Ha tanta gente obtusa, vivendo na mais densa obscuridade, que não é nada de mais que se procure iluminar-lhe o cerebro.

O «Sempre Fixe» aprova inteiramente a inovação e alvitra, a quem de direito, que talvez não fosse mau transplantar para cá a nova moda, tanto mais que nós já estamos acostumados á importação de modas francezas.

No meio disto tudo, porrem, uma coisa nos deu gôto: o manipulo colocado na barriga, porque antes desta febre de modernismos só as mulheres é que se serviam do ventre para dar á luz.

Tesouros escondidos Numa aldeia toscana appareceu uma rapariga que, munida duma varinha sensível, como a dos vedores de agua, descobre tesouros escondidos.

A coisa não é nova. O processo é que é absolutamente inedito.

Entre nós, as mulheres são todas como a rapariga toscana e andam como ela á procura de tesouros escondidos e como ela tambem os encontram.

As nossas porrem, não levam uma vatinha na mão. Levam rimel nos olhos, «baton» nos labios e pó de arroz na cara. Nas mãos levam, quando muito, uma malinha da moda. E ao passo que a rapariga toscana faz as suas pesquisas nos campos, nos velhos patacios abandonados, nas ruas desertas das cidades mortas, as nossas estabelecem o seu campo de acção nos cinemas e nos bailes de sociedade. E enquanto a outra encontra velhas anforas partidas e estatuas de antigos tempos, as nossas encontram os matidos que os hão-de sustentar e manter-lhes os caprichos pela vida fóra.

Duas caras Um telegrama de Nova York para os jornais, transmite nos esta noticia, sob todos os aspectos interessante:

NOVA YORK, 13.—Aos acordes de musicas melodiosas, numerosas senhoras presenciaram a demonstração do «tratamento do rosto» da actriz Martha Petelle, que tem desempenhado papeis de mãe em varios filmes.

Quando o tratamento de uma das faces terminou, o contraste entre a parte rejuvenescida e a outra, de velha, era tão grande, que cinco espectadoras desmaiaram.

Martha Petelle é obrigada a fi-

car, temporariamente, com duas «caras», até que a operação possa ser completada.

Mas isto de duas caras, nas mulheres, não é novidade nenhuma. Já a mãe Eva, no Paraíso, enquanto comia a maçã, mostrava uma cara á serpente e outra ao pae Adão e bem diferentes uma da outra, por sinal.

Desde então até hoje não tem havido modificação sensível. O ideal seria que agente, quando vê uma cara, deitasse logo um rabinho do olho, para vêr a outra. E talvez que assim se evitassem muitas desgraças e muitas desilusões.

Dois livros Augusto Cunha, brilhante humorista, afirmado em largas collaborações pelos periodicos humoristicos, acaba de vêr a sua «bluette» «O exame do meu menino» entrar na venda do segundo milhar e o seu livro de contos «Quasi de Graça» entrar no terceiro.

Por este caminho, no proximo numero devemos noticiar, para qualquer deles, a venda do 1.º milhão.

Anuncios Temos dado um certo descanso ao nosso torneador, porque o assunto tem abundado por outros lados. Mas hoje é dia de crise. Não ha remedio senão lançar mão do fiel amigo.

Senhor só

Deseja dama de companhia para viajar estrangeiro. Resposta ao Rocio, 42.

Ora aqui está um «senhor só» que vale mais do que a Agencia Cook. E' só chegar ali, pedir um bilhete para Paris e receber, sem pagar um centavo, alem duma magnifica primeira classe, um senhor só.

Luisa Campos

Costureira de bones, officiais do exercito marinha e todos os uniformes, Rua do Telhal, 242, 2.º D.to.

Mas que grande trapalhada. Afinal o que é que cose esta costureira?



Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	{	Ano:	26\$00
		Semestre:	13\$00
		Trimestre:	6\$50
Colonias portuguezas...	{	Semestre:	15\$00
		Ano:	30\$00
Estrangeiro.....	{	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto, agora, é por tabela.

Tomás d'Eça Leal



Não se faz ideia do formato que teriam os livros do inspirado poeta se ele medisse os versos com a mesma fita metrica que o alfaiate usa para lhe tomar a altura das calças.

Só não é «tu cá, tu lá» com as Musas, porque, cortez como pouca, as trata delicadamente por «Vossa Excoelencia.»

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

EM vista do enorme incremento que está tomando a industria das rábulas, o *Sempre Fixe* oferece aos interessados, em boas condições, rábulas que são autenticos modelos. Vendemos mais barato que no mercado.

■ ■ ■

O *Tareco* continua a agradar, fazendo-lhe o publico uma entusiasta e necessadora bichinha gata. O *Tareco* não arranhou e tem um miar tão doce que até parece musica portuguesa...

■ ■ ■

TOMA, Teresa, afinal, não tomou nada!

O publico parece não ter gostado do gesto...

■ ■ ■

Os artistas do Ginasio socialisaram-se e representam a *Vida de Cristo*.

Se são de facto socialisados deviam estrear-se com uma peça do dr. Ramada Curto.

■ ■ ■

AFINAL, o Maria Vitoria resolveu fazer 24 sessões por noite. O actor Carlos Leal promete enriquecer a nossa lingua com o miadime de dois vocabulos, em cada sessão.

■ ■ ■

O *Fim da Jornada*, a nova peça do Politeama, foi recebida, de facto, com agrado. No entanto, o publico, que seguiu ansioso todas as scenas da peça, estava desejoso que se chegasse ao... fim da jornada.

■ ■ ■

FOI entregue a um teatro de Lisboa, que tem sido esta epoca bafejado de exitos, uma peça intitulada *A hora do dinheiro*. A peça ainda não foi á scena e já lá vão dois meses.

Nem precisam de a levar, porque a *hora do dinheiro*, naquele teatro, é pontual.

■ ■ ■

DO *Jornal de Lisboa*:

«A construção dos espectáculos de revista por uma companhia exclusivamente formada por elementos femininos, que em breve se reorganiza, não é estranha a direcção e orientação dum aplaudido escritor teatral, ainda ha pouco em exercicio.»

O exercicio agora é melhor. Mas quem será o felizardo?

■ ■ ■

MARIA Clémentina, vai fazer a sua festa artistica com o *Amor de*



Fado em ré menor, mas... já vacinada

O Jogo das Damas



Fox-trot

JOIAS, PRATAS, OURO E RELOGIOS

VENDAS, compras, consertos e transformações com responsabilidade e competencia. Desenhos e orçamentos gratis. Trabalhos á vista do cliente. Especialidade em trabalhos antigos.
JOALHARIA MORAIS — Rua Nova de Almada, 83 e 84
TELEPHONE 27662

Perdição, interpretando a «Mariana».

Será gosto ou romantismo...

■ ■ ■

AS peças que metem o diabo são quasi sempre infelizes. O *Diabo em casa*, de Ramada Curto, foi o que se sabe. Ficou a casa, mas o diabo teve que sair do Nacional. O mesmo succedeu a semana passada á comedia *Ela... eu o diabo*, no Avenida.

O publico não quer nada com o mafarrico. Faz mal. Com aquela cara de anjo que tem a *Aura*, ninguém desce ao inferno. Vão todos mas é para o paraizo.

■ ■ ■

REGRESSOU ás lides da critica dramatica o sr. dr. Jorge Faria.

Já cá fazia falta! Dizem-no apaixonado pelo *foot-ball*. Vamos lá ver como ele dá o pontapé de sahida.

■ ■ ■

O teatro Variedades meteu nu artistico.

Será para aquecer a plateia? Mas o verao ainda vem longe...

■ ■ ■

A companhia Ilda Stichini está fazendo no Porto o *Martir do Calvario*.

Ilda Stichini faz de Virgem Maria e Alexandre de Azevedo de Jesus Nazareno.

O papel de Pilatos foi reservado á critica...

■ ■ ■

ADELINA Abranches vai reaparecer na peça *Mon député et sa femme*, que se anuncia, em breve, para o Avenida.

Se é ela que faz o deputado, com o seu talento, decerto conseguirá absolver a peça, arrancando um bom veridictum ao publico.

■ ■ ■

O Politeama vai passar novamente para cinema, não deixando de ser teatro.

Vai a ser exibida a *Serena*, do dr. Julio Dantas e de Leitão de Barros.

Nunca mais acaba o fado da *Serena*—nem o nosso!

■ ■ ■

DIZ a *Republica* que a Beatriz Costa se reconciliou com o seu colega Carlos Leal, indo formar companhia.

Que seja para a vida e para a morte!

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.



—Eu sou o melão. Quem gostar de mim, faça o mesmo que se faz ao melão.

Graça nos outros

Num salão:

Ela: — Sabe a minha idade, visconde?

Ele: — Sei, sim, minha senhora. V. ex.^a tem sempre um ano menos que a mais joven das suas amigas...

No tribunal:

O acusado: — Juro que estou tão inocente como o sr. juiz.

O juiz: — Tão inocente como eu? Muito bem! Vinte anos de trabalhos forçados!

A patrão: — E sabe de cozinha?
A nova criada: — Se sei! Na última casa em que servi morreram quatro pessoas de indigestão...

Entrando para o ring, antes do desafio:

O boxeur: — Creio que não estou em forma. Há três dias que não durmo nada.

O «manager»: — Não te aflijas. Esta noite vais dormir...

No cinema:

— Não chores, Antoninho!
— Mas não sou eu, avósinha; é o menino da fita...

Na aula:

O aluno: — Veja, sr. professor, fiz des vezes esta soma!

O professor: — Muito bem! Muito bem!

O aluno: — E veja os dos resultados que obti...

TAC-TAC-TAC

Isto passou-se há já muitos, inumeráveis anos, lá muito longe, longíssimo, no Chile, país dos Incas, de saudosa memória.

E, já nessa época remota, as mulheres queriam ser como os homens. Mais razoáveis, porém, que as suas congêneres de hoje em dia, reconhecendo que nunca poderiam ter diversos requisitos que são apágnio do sexo feio e forte, limitavam-se a querer que os homens fossem iguais a elas, o que, mau grado ser um tanto ou quanto equívoco, era indubitavelmente mais equitativo.

Assim foi que, lá no Chile (há muitos séculos já, como lhes disse), as mulheres nomearam uma Grande Comissão de Melhoramentos do sexo, tendo esta delegado num Conselho Executivo os poderes necessários para conseguirem o seu desideratum, na satisfação das suas reivindicações.

E não estiveram com meias medidas: foram direitinhas ter com o Padre Eterno.

— Que quereis, gentis criaturas minhas? — perguntou o Senhor.

— Senhor Padre Eterno, — responderam as do Executivo — queremos que haja um pouco de justiça no tratamento de Vossa Eternidade com respeito á vida dos dois sexos.

— E que vos falta? — tornou ainda, já um tanto irritado, o Criador.

— Não nos falta, Senhor; sobram-nos trabalhos e dores.

— Dizei, então, o que quereis.

— Queremos que, no sacrificio da procreação, se a nós, mães, nos pertence ter os tilhos, desfeita a nossa elegancia durante longos nove meses, sejam os pais a ter as dores do parto.

O Padre Eterno franziu o sagrado sobr'olho, mas, sempre misericordioso, aquiesceu:

— Embora eu entenda que tudo quanto fiz está bem feito, concedo-vos, a titulo de experiencia,

o que me pedis. Durante um ano assim será. Ide em paz e avisai, da grande alteração da ordem natural das coisas, vossos conspicuos esposos.

A sarça ardente apagou-se num grande trovão, e as membras do Conselho Executivo das Mulheres do Chile voltaram, radiantes, a seus lares.

Noves meses passados e outras tantas luas-novas, uma só senhora das da Comissão estava pejada. Era exactissimamente a esposa do Presidente do Ministerio do Chile.

Comunicado o caso, no dia proprio, reuniram-se, no salão nobre do Palacio, a senhora presidenta, a parteira, o Esposo-presidente, o governo todo e algumas pessoas da primeira sociedade da capital.

A' hora anunciada, a futura mãe, com o auxilio da parteira, começou a dar á luz um robusto menino.

Todos os convidados se dirigiram para junto do Presidente do Conselho que, recostado em larga poltrona, esperava resignadamente as dores do parto.

O sr. esposo, porém, nada sentia de novo e sorria beatificamente...

O menino estava quasi todo já de fóra do ventre maternal e o Presidente nada sentia de anormal. Mas sua esposa tambem sofrimento algum experimentava...

O espanto era geral.

De repente, ouviu-se um grito dilacerante. Toda a gente se voltou para o canto da sala, donde o berro soára.

E foi então que deram com o secretario do ministro, que se retorcia em convulsões horribes, gritando que lhe arrancavam as entranhas.

E, dois dias depois deste caso singular, a Grande Comissão, em peso, voltou á presença do Padre Eterno para lhe pedir, em altos brados, que tudo voltasse á moda antiga, para evitar conflitos desagradáveis.

NO DENTISTA



S. J. J. J.

— Este dente está furado; é preciso pôr-lhe uma coroa.
— Isso nunca! Só se for um barrete frigio, porque eu sou republicano.

UM D. JUAN

Naquela manhã ruidosa, de disputa linguística das suas vizinhas do prédio por mór de um gato lazarento que transformou o hall da escada em um indecente W. C., Januarío Garcia acordara estremunhado e irritado com o tumulto. Andava há muito tempo aprensivo com o futuro. No hemisfério dos seus sonhos avistava a estrela candente da sua salvação em um casamento rico. Mas como conseguiu-lo, se era vêsgo, não possuía pestanas, lhe faltava um pedaço de nariz e sôbre tudo isto já lhe haviam dito que tinha uma dentadura de cavalo?

Quando dirigia algum madrigal ás loiras que encontrava, ouvia, invariavelmente, como resposta: — «Vai guardar as teclas do piano». Ou: — «Não querem ver o amor sem pestanas»... E outras amabilidades, como: «Ventas de mictório», etc.

Ruminava desde há muito no casamento por anuncio. A ideia matraqueava-lhe no cerebro com a insistencia do teclado da «Royal» de um escritorio que ficava sob o seu quarto. Não reunia a mais leve recomendação para o consorcio. Não tinha officio, nem mesmo conseguira um dia um beneficio em uma sociedade de recreio porque — disse-lhe o secretario — estava fechada a inscrição.

Ausentara-se de casa da familia há muito tempo, vivendo agora de uns escudos que todas as noites ia receber a uma casa, feericamente iluminada, onde o jazz embriagava na sua loucura os circuns-tantes.

Naquela manhã ruidosa, como os improperios das vizinhas não o deixavam dormir, abriu um jornal e percorreu avidamente a pagina de anuncios. A secção «Precisa-se de empregados» causava-lhe náuseas. Aquilo era para os malandros.

Os anuncios soltos é que o encantavam. Ali é que residia o sal-

vaterio. O resto era materialidade e prosaísmo. Trabalhar é bom para as pessoas que tenham pestanas.

De subito teve uma exclamação de sobressalto e contentamento. Pensou na frase mas não a encontrou. «Eureka» não estava no seu dicionario mental. E saiu-lhe:

— Caramba! E' agora que eu vou casar! — exclamou.

E leu novamente o anuncio, so-letrando devagarinho:

«Senhora loira, de 40 anos, dispondo de alguns bens, deseja casar com cavalheiro respeitavel, embora não tenha occupações.»

Levantou-se rapido. Ia ao encontro da sua Dulcinea. Mas como apresentar-se, se o fato estava cheio de nodos e os sapatos cambados?

Outra ideia luminosa inundou-lhe o cerebro. Como lhe restavam ainda uns escudos do obulo da noite anterior, dirigiu-se a um guarda-roupa e alugou um fato. Elegante, mesmo sem pestanas, chamou um taxi, que poucos instantes depois parava á porta da senhora loira de quarenta anos.

Subiu cauteloso a escada e bateu delicadamente á porta. Apareceu-lhe uma senhora, mais feia do que ele, horrivelmente pintada e com o cabelo oxigenado. Tinha pestanas e sobranceiras carregadas... a carvão.

A porta escancarou-se, e os dois «noivos» caíram nos braços um do outro, beijando-se sofregamente, com igual sentimento e as mesmas desgraças de formosura.

Januarío Garcia, o sonho de um casamento proveitoso, quasi não respirava, pela comoção e pela desdita.

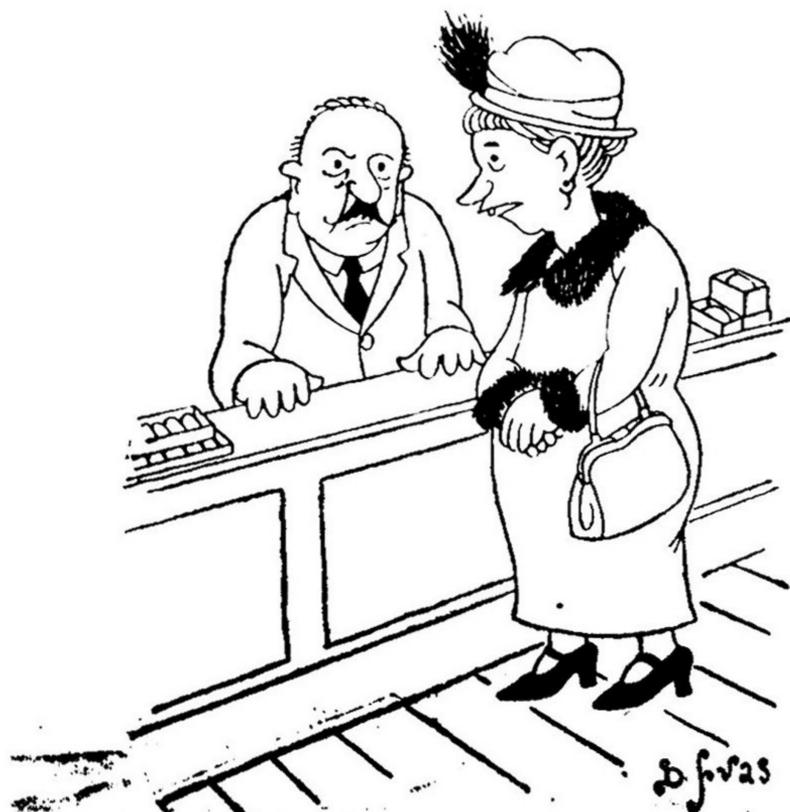
Estava na frente de sua irmã, de quem fôra noivo em pensamento, durante cerca de uma hora...

FRED.



— Se ha "record, para tudo, eu bato o "record, de vestir e despir, vestir e despir.

ECONOMIA



— Que há de novo?
— Não sei, senhora. Caixa grande ou pequena?
— Pequena, porque só tenho um dente.

Elevador da Gloria

— A minha mulher tem uma detestavel memoria!
— Ah, sim! Esquece tudo!
— Não, não é nada disso. E' que não esquece nada...

* * *

Entre vizinhas:
A Gertrudes: — O seu cão tem muitas pulgas.
A Adelaide: — Nem por isso! Tem tantas como eu ou a senhora!...

* * *

Partida para a caça:
— Vey, acompanhar-te. Posso dar-te alguns bons conselhos...
— Mas tu entendes de caça?
— Entendo! Estive dois anos num regimêto de caçadores...

Ela: — Só me casarei com um homem que tenha um apelido muito conhecido!

Ele: — Estou mesmo a calhar para ti... Chamo-me Silva!...

* * *

No barbeiro:
O freguês, depois de fazer a barba: — Desculpe, mas esqueci-me do dinheiro!
O patrão, irado e irritado: — Pois só sairá daqui quando lhe tiver crescido a barba outra vez...

* * *

Na rua:
Ela: — Fui mal em mendigar. Devia arranjar outro officio!
O pobre: — Nunca encontrei outro mais lucrativo...



— Está muito desenvolvido. Ele no outro dia fez parar o comboto.
— Como?
— Sim, estava a brincar e puchou pelo sinal de alarme...

Cacharolete

A Ester casou o'o Miguel. E foram, num auto aberto, Passar a lua de mel Para uma quinta aqui perto.

E o pai dele e a mãe dela Falavam, cheios de goso, Do futuro auspicioso Duma união como aquela.

Diz a dona, como sinta Dar no relógio uma hora: — «Os nossos filhos, agora, Devem estar a entrar na quinta.»

Diz o pai: — «O meu rapaz Não é muito dado a pressas E com certeza não faz, Senhora, uma coisa dessas!»

JOÃO FERNANDES.

— O gato Angola, do nosso colega Rogerio Perez, caiu á rua, ferindo-se gravemente no footboto.

(Do noticiário dos jornais).

O maltês do nosso amigo Saiu a dar seu passeio Lá por cima do telhado, Sem atentar no perigo Para quem frequenta um meio De ha muito mal afamado...

Eu cá não gosto de intrigas! Mas, segundo ouvi dizer, Aquilo não foi desastre: — Foi por causa das amigas Que o maltês ia ali vêr. (O grandecíssimo traste!)

E os outros gatos vizinhos, Já fartos de ser joguete Do descarado maltês, — Vero pai dos seus gatinhos — Resolveram, com topete, Com ele acabar de vez.

E hoje, quando ele andava Na costumada vadiagem, Pregando-lhe um empurrão, Quando as gatas namorava, Forneceram-lhe a passagem P'ra vir de ventas ao chão.

O vício é assaz sedutor! E homens e bichos domina De identico igual jaez: Nestes negocios de amor, Imanha-os na mesma sina. O Perez e o seu maltês.

CIRIAO DE VELHOFRAC.

MADRID, 26. — Quando um medico operava um doente, varias balas entraram na sala de operações, partindo tambem os vidros. O medico, com todo o sangue frio, terminou a operação, deixando so então a sala livre, cheia de estilhaços de vidros e com as paredes esburacadas.

Todos os dias leio nos diários, além da prosa de qualquer façanha, esses relatos extraordinarios do que se está passando por Espanha.

Tiros, vivas e morras, contusões, mortos, feridos, panico, ameaças, motins, clamores e manifestações, com todo o seu cortejo de desgraças...

Mas de tudo o que até agora li, aquilo que me fez mais impressão foi, nesse tiroleto de Madrid, o incidente com o cirurgião.

Ninguém tem o mau gosto de pensar que de casos tão sérios eu me rio. Mas não vejo que seja pr'ádmirar que ficasse «com todo o sangue... frio».

O HOMEM DOS TIMBALES.

A opinião de Gunt Diergalwsz

No seu hiato de recreio, chegou a Lisboa, com demora de poucos dias, o eminente politico alemão sr. Gunt Diergalwsz.

Como o leitor sabe, fala-se agora muito em desarmamentos navais, em guerras, em acórdos, em páz, emfim, em tudo. Tornava-se, pôr isso, interessante ouvir a opinião daquele erudito alemão ácerca do actual movimento internacional.

S. Ex.º é um cavalheiro amavel, que devia ser louro se não tivesse o mau habito de imitar o nosso colega Rogerio Perez, e é todo em estilo garrafão com rolha de la-cre. Atende-nos com toda a amabilidade e digna-se responder ás nossas perguntas.

— Que pensa o senhor do acórdo naval?

Gunt hesita, pensa uns momentos e responde depois, batendo bem as frases e dando-lhes intenção.

— *Deutschland eine grosse Land ist.*

— Muito bem! E acha que se pode de facto chegar a um acórdo?

— *Die Zulunft der Welt wird nur an die Vantage.*

— Então, na sua opinião, ha vantagem? Muito bem.

— *Ja, Portugal eine schone Land ist.*

— Ah! Portugal. Sim, senhor. E' isso mesmo.

— *Mein Boot ist ein Schiff mit roh Oh bewegt.*

— Sim, isso é boa ideia. E quantos navios devia ter cada nação?

— *Die See kounte mehr Fish geben als gibt.*

— Eu não acho que o Fire possa intervir nisso.

Como o leitor leu, o sr. Gunt refere-se ao Fire (Fish em alemão) nos termos mais lisongeiros. Variamos agora as perguntas e levamos a entrevista para outro campo.

— Que me diz á nova epoca tauromaquica no nosso país?

— *Ich denke nur drei mal pund der Welt falten.*

— O tempo agora está bonito. De facto, o céu de Portugal é actualmente o melhor que ha no mercado.

— *Ich glaube dass ich habe sehr lang drei Kinder, aber ich glaube dass es ist nicht wahr.*

O sr. Gunt é muito conciso no que diz. Fala claro e exterioriza direito todas as suas opiniões.

— Acha que as condições atmosfericas influem no espirito dos homens?

— *Hente, wirclich ein schone Tag war.*

Fazemos-lhe agora a pergunta melindrosa. S. ex.º pensa e dá-nos depois uma resposta concisa, rapida e sêca ao mesmo tempo.

— Acha possivel uma nova guerra e com as mesmas potencias?

— *Wenn wir keinen Schwargen hatte, eswar unmoglich da sjazz-band erfinden.*

Jazz-band, muito, sr. Gunt.

Devemos esclarecer os nossos leitores que jazz-band deve ser guerra em alemão, porque se trata de barulho.

O Von ataca imediatamente:

— *Gute Nacht.*

E vai para retirar-se, alegre e sorridente, mas preguntamos-lhe ainda:

— O senhor pensa em voltar a Portugal?

— *Gute Nacht.*

Voltamos ainda a insistir:

— O senhor, então, é dessa opinião?

— *E Von Gunt, pela ultima vez:*

— *Gute Nacht.*

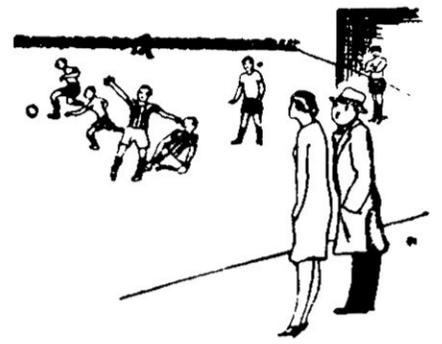
Estava realisada a entrevista. Um cordial aperto de mão em alemão e desejos mutuos de umas Páscoas felizes.

Atravez desta pequena entrevista, e pelo dialogo rapido, incisivo e facil do eminente politico, ficou o leitor sabendo o que ele pensa sobre o actual momento politico mundial.

FERNANDO D'AVILA.

P. S. — Escreve-nos alguem, com a assinatura despretenciosa de *Leitor ás vezes*, e que eu lamento não seja um *leitor de sempre*, acusando-me de eu ter muita falta de graça. Ora a carta de s. ex.º, escrita em termos energicos, não consegue, talvez, por não ser de facil compreensão, convencer-me de que eu não tenho graça. Não é uma carta qualquer e demais escrita em papel barato e má redacção, que vem destruir a minha convicção. No entanto, devo lamentar que eu não seja capaz de fazer desopilar o sr. *Leitor ás vezes*. Mas não importa porque, apesar da minha falta de graça, eu cá vou indo, pois ainda assim acho preferivel *te falta de graça* do que *falta de educação*.

F. D'A.



(Um espectador jurioso com as brutalidades do foot-ball.)

— Que te parece este arbitro?

Ela — Parecc-me um bonito rapaz.

A criada nova

Além de uns botões de punho em esmalte e dum acendedor que acende logo á decima segunda tentativa, a esposa do Evaristo brindou ha tempos este meu amigo com uma robusta creança do sexo masculino.

Foi este pequeno e esperançoso rebento da arvore genealogica dos Evaristos a causa da criada, que só costumava sair aos domingos, ter saído definitivamente do lar do Evaristo.

A creada não era, positivamente, má rapariga. O patrão chegava mesmo, em circunstancias especiais, a apellidá-la de muito boa... Esfregava bem, engomava a roupa e cosinhava o «trivial», sabia contar até 7 e nunca namorava mais de quatro policias de cada vez.

Não tinha, porém, paciencia nenhuma para aturar o pequenino Zeca, interessantissima creança que não dava trabalho algum e cujo unico inofensivo entretenimento consistia em espetar alfinetes em certo sitio do corpo da creada, que não foi creado positivamente para pregadeira... E a pobre creada, por sinal mal creada, protestava ruidosamente e no respectivo idioma contra as agressões cotidianas do Zéquinha.

Este estado de coisas não podia, realmente, manter-se.

Cada um que tem creada é para as creanças se entreterem!

E a sopeira foi intimada a arranjar a trouxa e a retirar-se, não sem que o pequeno se despedisse espetando-lhe o ultimo rojão...

Uma vez sem creada, os esposos Evaristo trataram de pôr anuncio, que é uma coisa que se põe com relativa facilidade...

E a nova creada acaba de chegar, numa altura em que o meu amigo se encontra só em casa, por a esposa ter ido levar á escola a prometedora esperança...

— Bravo! — não poudé deixar de exclamar o Evaristo, ao vêr a côr saudavel, a robustez da nova serva. — Serve ha muito? — preguntou.

— Saberá V. S.º que sou chegada da provincia, sirvo em Lisboa vai para dez anos e quero ganhar 200 «mal réis»...

— E outra coisa, — disse o candidato a patrão — a menina gosta de creanças?

A nova creada teve, então, um sorriso estranho. Amarfanhou o lenço entre os dedos, com ares envergonhados, e pronunciou balxinho:

— Eu, para lhe falar com franqueza, não desgosto... Mas se o senhor pudesse tomar as suas precauções, evitar...

ANIBAL NAZARE.

O proximo numero do

KINO
SUA VIDA



— Então hoje vais com as meias de avesso?
— Sim, do outro lado já estão todas cheias de buracos.

Historia da Faneca

A quando da guerra civil entre liberais e miguelistas, desembarcou na praia do Mindelo uma expedição de diversos emigrados, sob o comando de D. Pedro, que abdicara em D. Pedro II a coroa do Brasil.

Chegado ao Mindelo, em 8 de Julho de 1832, apressaram-se D. Pedro e a expedição referida a procurar algum alimento, para o que se dirigiram a uma estalagem cujo nome me não ocorre.

O estalajadeiro, vendo tanta gente, desíez-se em contumelias, o que não era para admirar, pois a freguesia escasseava por os tempos irem maus, como ainda hoje succede.

Informou-os que apenas tinha com abundancia pão, vinho e fanecas, achando os recémchegados um optimo menu.

Fritaram-se as fanecas e, prontas estas, foram servidas com pão e bastante vinho.

Comeu-se com devorador appetite e, chegado ao fim, o estalajadeiro preparava-se, como é natural, para receber a conta.

Lembrat-se porém, de fazer um pouco de *blague* e perguntou aos circumstantes que tal haviam achado o peixe dos três F. F. F.

— Dos três F. F. F.? — Inquiriu D. Pedro.

— Sim, meu senhor: faneca, fresca e frita...

D. Pedro, que ignorava os dias que ainda lhe estavam reservados e prevenendo-se contra futuras faltas de verba, respondeu ao bom estalajadeiro:

— O homem, a faneca é um peixe de quatro F. F. F. F.

— !!!

— Sim: faneca, fresca, frita e...

fiada...

Uma boa razão

Um sujeito tal, certo dia, visitar um hospital de doidos e, andando na cerca, encontrou um doente, com quem travou a seguinte conversação:

— Então, diga-me cá, porque veio para aqui?

— Olhe, meu senhor, — respondeu o doente — eu casei com uma viuva que tinha uma filha já crescida; meu pai foi casar com essa minha enteada e isso fez com que minha mulher ficasse sendo sogra do seu sogro e meu pai meu enteado. Depois, minha madrastra, a filha da minha mulher, teve um filho e essa creança, está bem de ver, era meu irmão, porque era filho de meu pai, mas era também filho da filha de minha mulher e, portanto, meu neto, e isso tornou-me avô de meu irmão. A seguir, teve minha mulher um filho, pelo que minha sogra é irmã de meu filho e também sua avó, porque ele é filho de seu enteado; meu pai é cunhado de meu filho, porque a irma dele é sua mulher; eu sou irmão do meu proprio filho, que também é filho de minha avó; sou cunhado de minha madrastra, minha mulher é tia de seu proprio filho, meu filho é sobrinho de meu pai e eu sou avô de mim mesmo. Ai tem a razão porque eu aqui estou...

O proximo numero do

KINO

Sai amanhã

DESSPORTOS

Glosas dos jogos

Os jornais, ante o novo aspecto da dissidencia na bola, procuram encontrar nos varios sectores do publico inclinação para este ou para aquele partido.

Vê-se que o «aficionado» está pela Federação, porque encheu as Amoreiras, sinal de que não concorda com a rebeldia dos ortodoxos da A. F. L. — dizem uns.

Não, senhor; o publico acompanha a sua associação regional, porque apesar do campo do Bemfica apresentar um forte *team estrangeiro*, o Campo Grande des Leões estava á cunha.

Não está certo, não senhor, seja por que aspecto for este incidente enfiado, que se diga, que se veja, que o publico da bola esteja por um ou por outro lado.

Ne ta grande confusão, o publico, a multidão, o povo esta *Sempre Fixe*, vai para onde lhe convém, quer que tudo, passem bem, que a pelotica se fixe.

Um jornal, apreciando um jogo no Campo Grande, diz, textualmente:

«Arbitragem excelente, atendendo a destacar o bom julgamento das faltas de não...»

Tem razão o illustre Salen. Mas o escrito presta-se a comentarios. Daqui para o futuro, as mutilações são julgadas como delitto?

Parece-nos que devem ser, e que o precedente deve pesar. Julgar os manetas, julgar os cecos, julgar os acedafos.

Porque:

Vendo o fenomeno a frio, conclue-se por desfastio, e sem que estranho pareça, que ha casos que são irmães: — Os que jogam não tem mães; quem manda não tem cabeça

O rugby é um jogo muito interessante, viril, duro, jogo de homens, *sport* de atletismo puro.

Mas o que mete confusão é serem quinze de cada lado. Nos *comités* directivos ha meia duzia, e não se entendem. Não se chega nunca a resultado pratico. Empatam-se uns aos outros. Prendem-se os movimentos. Sucedem-se as emburalhadas de gentes, com pernas a mais.

Parece que não seria mau saírem alguns. Talvez fôsse a solução, e o sr. Alberto de Freitas viu bem.

O facto conta-se assim. Chegou-se do tempo ao fim, certa o jogo empatado; cada um estava na sua, mas foram quatro p'ra rua, fez-se logo o resultado.

Procedeu bem o juiz, um qualquer critico o diz, e ninguem vai discordar; nas birras de muita gente, se a teima segue p'ra frente, e preciso aliviar.

Um *sportman* popular, leitor das *Sports*, jornal «diario» que dá sempre leitura e tem esplendidos redactores, dizia na segunda-feira o seguinte, pouco mais ou menos: — Que diabo! O que os *Sports* dizem dos jogos de ontem é a mesma coisa que diz o *Diario de Noticias*.

Pois claro que era a mesma coisa, porque as coisas são como são. Mas o que ele queria, o leitor, era outra leria, outro espiche, outra loica.

Talvez também tenha razão. Porque...

P'ro leitor interessar para fazer meduar, e mister, é necessario que as coisas sejam tal qual, aqui e ali tudo igual — completamente ao contrario.

JOAO MAGRO.

Prosa de Cha-Velho

El Sol, diario anti-taurino que se passou para a sombra, tem publicado, recentemente, varias anedotas tauromaquicas, como esta:

A *Posturas* dizem dois amigos, conhecedores dum dos seus fracassos frequentes, e em ar de troça:

— Já sabemos que estiveste colossal?

— Sabem, mas não sabem tudo. Imaginem que me coube um touro tremendo, uma fera que eu matei «aguentando»!

— «Aguentando»? Mas, os jornais dizem que te fartaste de dar punhaladas...

— Pois sim, mas aguentei tudo o que o publico quiz dizer de mim e da minha familia...

Outra do mesmo jornal:

Era uma vez um empresario ao qual era preciso dar cloroforme para lhe arrancar o dinheiro dos toureiros.

Para dar mais atractivo a certa corrida, annunciou o tal empresario que um dos «espada» daria o salto de vara, e que outro faria a sorte de cadeira.

Ao terceiro «espada» perguntou o empresario:

— E a ti, que especialidade te attribuo nos cartazes?

— Cá por mim, pode anunciar que só toureio depois de receber o dinheiro...

Uma de *La Voz*:

Um bandarilheiro a quem coube cravar a certo «manso» um par de bandarilhas de fogo, vê com surpresa que estas não fazem explosão, nem ardem.

Intrigado, ha attribuir a culpa ao fornecedor das referidas bandarilhas de fogo, quando, ao olhar a parte trazeira do touro, descobre que este exhibe a chapa duma Companhia de seguros que o garante contra incendios...

E, atendendo a que as nossas touradas comecam no proximo domingo, não nos faltarão anedotas nacionais para o seguinte numero do *Sempre Fixe*...

PERET LA CHAISE.

Matos Sequeira



PRO SINDICATO DOS PROFISSIONAES DA IMPRENSA

O illustre homem de letras e jornalista visto pelo caricaturista Joaquim Guerreiro ha longos anos ausente em terras do Brazil, donde acaba de regressar.

Já não bato na mulher
Já não ralho co'os petizes
Já todos somos felizes
Isto assim é que é viver
O viver já é prazer
Já deixei de ser atroz
O viver de todos nós
E' uma santa vidinha
Desde que bebi a *Ginginha*
Da rua Barros Queiros.

R. Barros Queirós, 27
LISBOA

BARDUE-SE COM LAMINAS



Ao go mais fina tempera

Quereis dinheiro?
Jogal no

Gama

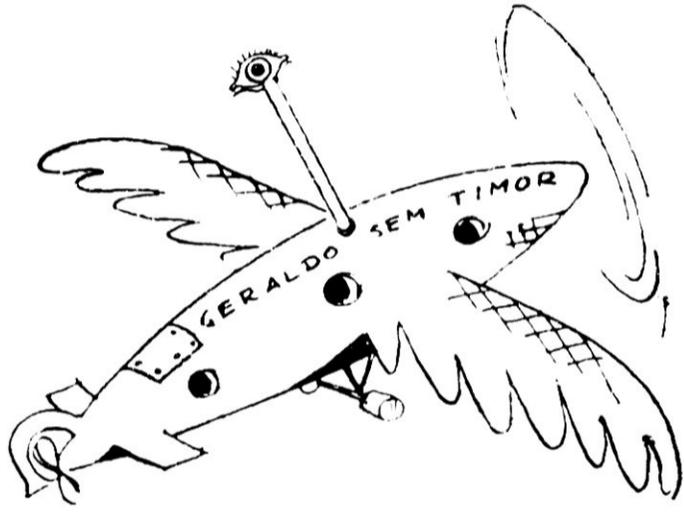
Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes

ECOS DA SEMANA

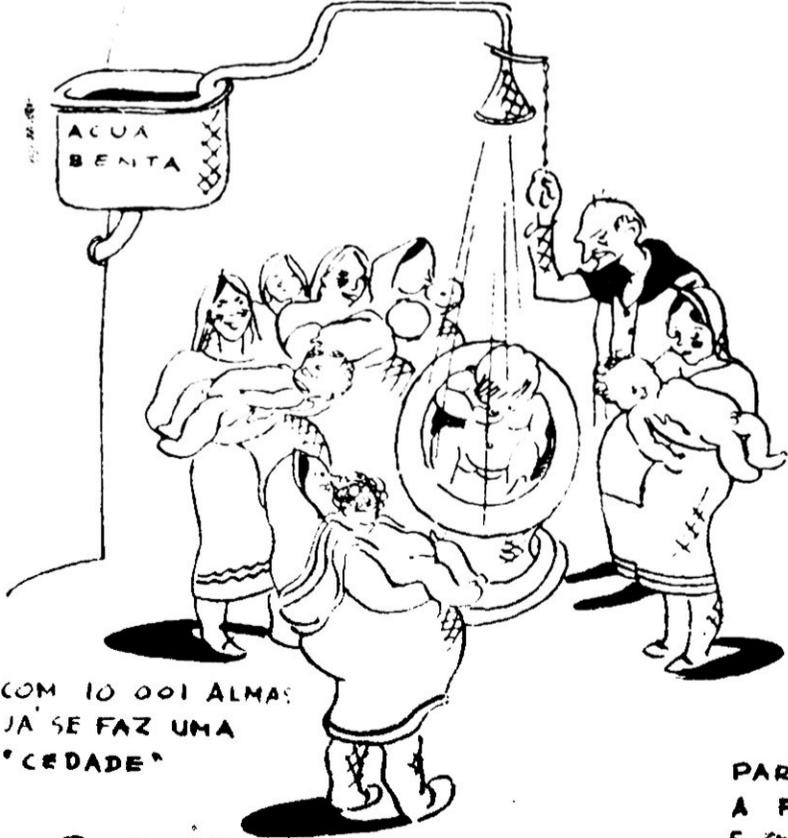
UM OFICIAL DE MARINHA DESCOBRIU O MOTUO CONTINUO PORQUE DAS SARDINHAS FAZ NAVIOS E COM OS NAVIOS PESCA MAIS SARDINHAS E COM AS SARDINHAS PESCA MAIS NAVIOS. E ASSIM SUCESSIVAMENTE



O MODELO DE AVIAO-SUBMARINO PARA A VIAGEM A TIMOR POR DOIS HOMENS SEM TIMOR



EM VIRTUDE DO NOVO 'ODIGO HA GRANDES CHEIAS NAS POVOACOES QUE QUEREM SER 'CEDADES'

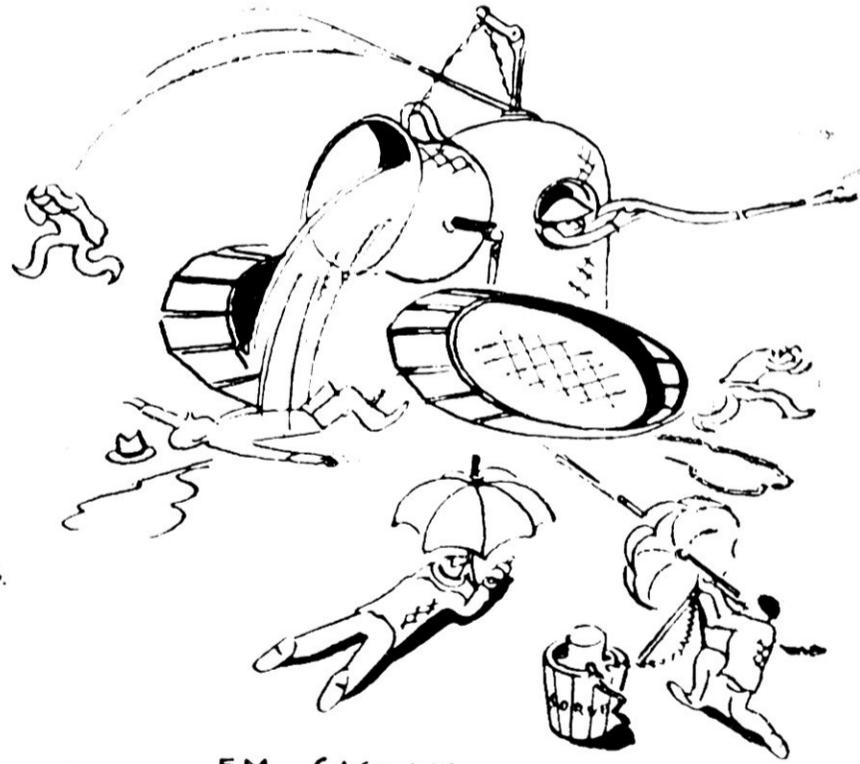


COM 10 001 ALMAS JA SE FAZ UMA 'CEDADE'

VAI SER CONFRONTADO O HOKEYJO PORTUGUES COM O SUISSO. VAMOS A VER QUAL PROVA MELHOR



OS 'TANKS' TANQUES PARA ESTANCAR AS SARRAFUSCAS EM MADRIDE -



EM CASCAIS

APRESENTAR BORDAO
ESTENDER BORDAO
ENCOLHER BORDAO
DESCANGAR BORDAO



VAI-SE CONVOCAR UM 'JAMBOREE' PARA OBRIGAR OS ADUEIROS, IDIOTAMENTE MILITARISADOS, A FAZEREM O UNICO ESCOTISMO QUE HA NO MUNDO E QUE E O DE BARDEN POWELL.